

## TRADUÇÃO

“Lettres d’Auguste Comte au docteur Audiffrent sur la maladie”, In: AUDIFFRENT, Georges. *Appel aux médecins*. Paris: Dunod, 1862 (171-183).

TIAGO SANTOS ALMEIDA  
Universidade Federal de Goiás  
Goiânia | Goiás | Brasil  
tsalmeida@ufg.br  
orcid.org/0000-0002-3678-3161

## APRESENTAÇÃO DO TRADUTOR

Auguste Comte se imaginou médico em momentos decisivos da sua vida, que tiveram forte impacto sobre sua produção intelectual, notadamente durante sua principal crise de demência, em 1826. Em 1857, ele se declarou “médico de si mesmo” pela última vez, para tratar da doença que causou sua morte naquele mesmo ano, deixando inacabado o projeto de sistematização da sua filosofia da medicina num tratado de moral teórica.

Apesar de ser uma preocupação constante, as ideias de Comte sobre a relação entre biologia e medicina conheceram significativas transformações ao longo de sua obra. A mais radical foi estudada por Jean-François Braunstein, no livro *La philosophie de la médecine d’Auguste Comte*. Se no *Curso de filosofia positiva*, escrito entre 1830 e 1842, a medicina era apresentada como uma aplicação da biologia, nos seus anos finais, Comte se manifestou contra a subordinação da patologia à biologia e a favor do primado do estudo clínico. A mudança no pensamento de Comte sobre as relações entre biologia e clínica teria acontecido tanto em função da evolução do pensamento do filósofo, crítico do que interpretou como uma degeneração, a partir das universidades, da biologia em um simples materialismo (dupla redução: do moral ao físico, e da biologia à física e à química), quanto pela própria difusão do positivismo para além do círculo próximo ao seu sacerdote. De fato, na segunda metade do século XIX, a maioria dos positivistas “dissidentes” eram biólogos, enquanto os positivistas ortodoxos eram, em sua maioria, médicos (Braunstein 2009).

Foi outro historiador e filósofo da medicina francês quem, décadas antes, inaugurou todo um campo de investigação a partir do exame da relação entre medicina, biologia e política no pensamento de Comte. Georges Canguilhem, que dedicou muitas páginas à obra de Comte – as mais notáveis em seu *O normal e o patológico* – e dirigiu muitos golpes contra as tendências positivistas na historiografia do seu tempo, mostrou, no texto de 1943 (primeira parte do livro), o como e o porquê da transformação do princípio médico de Broussais sobre a identidade dos fenômenos normais e patológicos em fundamento das leis sociológicas. A partir do seu retorno à medicina, notadamente com a medicina experimental de Claude Bernard, esse acontecimento, segundo Canguilhem se configura como uma *ideologia médica* – sem dúvida o principal exemplo (por seu caráter fundante) na história do pensamento médico e das práticas terapêuticas modernos<sup>1</sup>.

Segundo Canguilhem, ao importar da biologia para a sociologia aquele princípio metodológico, Comte<sup>2</sup> pretendia fundamentar cientificamente uma doutrina política conservadora (tipo de movimento intelectual que Canguilhem designou como *ideologia científica*): “Afirmando de modo geral que as doenças não alteram os fenômenos vitais, Comte justificava a afirmação de que a terapêutica das crises políticas consiste em retornar as sociedades às suas estruturas essenciais e permanentes” e, ao mesmo tempo, “não tolerar o progresso senão nos limites de variação da ordem natural que define a estática social” (Canguilhem 2006, 31). Todos esses elementos aparecem nas *Lettres d’Auguste Comte au docteur Audiffrent sur la maladie* – ou simplesmente *Lettres sur la maladie*, como ficaram conhecidas –, escritas por Comte justamente no período em torno da preparação e publicação de seu *Appel aux*

---

<sup>1</sup> Sobre a recepção da tese médica de Broussais na Sociologia e na Filosofia de Comte, a importância desse acontecimento para a formulação, no século XIX, do “dogma médico” – segundo Canguilhem, no texto 1943 – acerca da identidade qualitativa entre o normal e o patológico, então simples variações quantitativas de um mesmo estado, e seu papel na história intelectual do “pensamento médico” como objeto historiográfico desde *O normal e o patológico*, cf. Almeida 2018, 217-249. A história de alguns desdobramentos atuais desse movimento de ideias na educação médica e na prática médica brasileiras, a crítica histórico-epistemológica realizada por pesquisadores da Saúde Coletiva desde a Reforma Sanitária e a presença das filosofias da saúde e da tecnologia de Canguilhem nos debates de construção e crítica permanente do SUS entre os próprios sanitaristas são temas de uma pesquisa em andamento junto ao Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, em colaboração e sob a supervisão de Liliana Santos.

<sup>2</sup> Em 1844, Comte propõe um “exame do *Tratado* de Broussais sobre a irritação”, de 1828, e afirma que seu próprio *Traité philosophique d’astronomie populaire* “baseia-se no grande princípio cuja descoberta tive de atribuir a Broussais, porque sobressai do conjunto de seus trabalhos, embora somente eu tivesse elaborado sua formulação geral e direta. (...) Além de sua eficácia direta para as questões biológicas, ele [o princípio] constituirá, para o sistema geral da educação positiva, uma vantajosa preparação lógica aos processos análogos para a ciência final. Pois o organismo coletivo, em virtude de sua complexidade superior, comporta perturbações ainda mais graves, mais variadas e mais frequentes que a do organismo individual. Não tenho medo de assegurar que o princípio de Broussais deve ser estendido até esse ponto, e já o apliquei nesse campo para confirmar ou aperfeiçoar as leis sociológicas. Contudo, a análise das revoluções não poderia esclarecer o estudo positivo das sociedades, sem que haja, a esse respeito, a iniciação lógica resultante dos casos mais simples apresentados pela biologia.” (Comte *Apud* Canguilhem 2001, 18-19).

*conservateurs*. Nesse texto de 1855, “sexagésimo sétimo ano da grande crise”, podemos ler sobre o destino do Positivismo – um destino justificado por sua própria filosofia da história – enquanto cura de uma doença cuja principal sede (orgânica), segundo Comte, seria o partido revolucionário:

*Durante os cinco séculos de anarquia ocidental e especialmente desde a explosão da grande crise que a encerrará, a desordem da mente afetou cada vez mais o coração. É assim que devemos definir agora a doença revolucionária, que consiste numa contínua supraexcitação do orgulho e da vaidade, fruto de uma tendência, eminentemente contagiosa, à infalibilidade pessoal. (...) Assim, a doença ocidental requer um tratamento mais emocional do que intelectual, uma vez que a mente cumpriu sua função principal construindo uma filosofia positiva na sequência da fundação da sociologia, apoiada sobre o conjunto das ciências preliminares.*  
(Comte 1855, prefácio)

A “grande crise” mencionada por Comte permite uma explicação sobre a datação das cartas. Elas foram enviadas entre 14 de Frederico de 66 e 5 de Carlos Magno de 68, ou entre 18 de novembro de 1854 e 22 de junho de 1856. Acontece que, em 1849, Comte adotou o calendário positivista, que tem início em 1789, ano da Revolução Francesa. Em *Cathéchisme positiviste*, de 1852, Comte apresenta um ano dividido em treze meses, batizados em honra a grandes figuras da humanidade e suas contribuições, segundo o sumo sacerdote: Moisés (teocracia inicial), Homero (poesia antiga), Aristóteles (filosofia antiga), Arquimedes (ciência antiga), César (civilização militar), São Paulo (catolicismo), Carlos Magno (civilização feudal), Dante (epopeia moderna), Gutenberg (indústria moderna), Shakespeare (drama moderno), Descartes (filosofia moderna), Frederico (política moderna) e Bichat (ciência moderna).

Nesse período entre 1854 e 1856, seu discípulo e correspondente Georges Audiffrent era apenas um iniciante nos estudos de medicina, mas cujo sucesso Comte já profetizava nessas cartas. Motivado pelas questões enviadas por aquele que viria a se tornar um dos maiores médicos positivistas, na plena acepção do termo, Comte avançou, nessa correspondência, reflexões sobre um tema ao qual pretendia se dedicar de modo mais sistemático três anos mais tarde, para a redação de um capítulo sobre as relações entre existência, saúde e doença que comporia seu *Traité de Morale Théorique*. Morto pouco tempo depois da última carta enviada a Audiffrent, e com a saúde bastante debilitada nos últimos meses, essa correspondência se tornou o melhor registro da síntese patológica esboçada por Comte, que ligava as doenças aos motores afetivos, as epidemias às convulsões políticas, a medicina à moral. Daí a ampla circulação que essas cartas conheceram na segunda metade do século XIX, quando foram publicadas, primeiro, em 1860, na *Notice sur l'œuvre et la vie d'Auguste Comte*, de Eugène Robinet, e, em 1862, no *Appel aux médecins*, do próprio Audiffrent, textos que conheceram uma boa circulação no período, inclusive entre médicos brasileiros – segundo

Maria Amélia M. Dantes, em “Le positivisme et la science au Brésil”, Audiffrent se tornou uma referência frequente nas teses positivistas defendidas junto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX.<sup>3</sup>

Apesar do riso que algumas passagens provocam hoje, as *Cartas sobre as doenças* se tornaram, através daqueles livros, um documento quase insuspeito para a história intelectual e das ideias no Brasil, fontes para a contextualização de alguns objetos da historiografia brasileira a propósito da presença das ideias positivistas na virada do século XIX para o XX, como a imagem e a linguagem organicistas da sociedade nos discursos políticos, a associação entre doença, crise, progresso e civilização, a relação entre o positivismo religioso e o positivismo político e, claro, a relação entre conservadorismo político e pensamento médico.

As “Cartas de Auguste Comte ao Doutor Audiffrent sobre a doença” – aqui traduzidas pela primeira vez para o português, como modesta contribuição para estudantes, professores e pesquisadores não francófonos interessados por aquelas questões – podem ser consultadas em sua integralidade, no idioma original, nos tomos VII e VIII da *Correspondance générale et confessions* de Comte (publicados em 1987 e 1990, respectivamente). No entanto, pareceu mais pertinente, do ponto de vista da pesquisa historiográfica, apresentar a tradução do documento no formato em que ele conheceu circulação e por meio do qual de fato produziu efeito sobre o pensamento, não apenas médico e biológico, mas também político, inclusive – se não sobretudo – no Brasil. As reticências entre colchetes em algumas cartas indicam supressões feitas pelo próprio Audiffrent, a fim de delimitar os trechos que dizem respeito ao problema em questão. Foi essa versão editada por ele que seguiu para publicação tanto em 1860 quanto em 1862. A tradução tenta manter a pontuação peculiar de Comte. As notas de rodapé são de autoria do tradutor.

---

<sup>3</sup> “Ces thèses positivistes ont en commun la citation directe des oeuvres de Comte. Mais elles montrent des différences. Nous trouvons tout d'abord quelques textes moins orthodoxes qui utilisent aussi les contributions d'auteurs bien connus, comme Claude Bernard ou Virchow, que l'on ne saurait qualifier de positivistes. Mais les thèses sont, en general, de caractère orthodoxe, présentant les conceptions du philosophe et de ses disciples, comme Audiffrent, et d'auteurs reconnus par Comte, comme Broussais, Gall, etc. L'oeuvre de Comte et de ses disciples est présentée comme la vraie connaissance positive ou scientifique de la médecine, et les auteurs ont une vision critique de la médecine expérimentale, fondée sur l'experimentation en laboratoire et sur l'utilisation intensive de la vivisection, et depourvue d'une éthique” (Dantes 1992, 168).

# CARTAS DE AUGUSTE COMTE AO DOUTOR AUDIFFRENT SOBRE A DOENÇA

1ª CARTA

Paris, sábado, 14 de Frederico de 66<sup>4</sup>

Meu caro discípulo,

Você faz muito bem em abordar, em Marselha, o estudo clínico, desde o começo do seu curso médico, sem atribuir uma importância exagerada à subordinação da patologia em relação à biologia. A existência, e mesmo a estrutura, foram tão mal estudadas e continuam tão pouco conhecidas que você não ganharia nada ao retardar o exame direto dos doentes até que possuísse noções estatísticas e dinâmicas sobre o estado normal mais desenvolvidas que aquelas que lhe são familiares. Se nenhuma arte, nem mesmo a matemática, comporta realmente uma plena racionalidade, essa que você vai aprender afasta definitivamente tal ilusão teórica. Comparando a medicina de Hipócrates com a nossa, você não encontrará o progresso moderno em harmonia com as aquisições científicas, mesmo após haver afastado aquelas que são equívocas ou viciosas. Nada jamais poderá tornar dispensável que a terapêutica seja guiada segundo um conjunto suficiente de explorações patológicas coordenadas por uma racionalidade espontânea. No entanto, os estudos clínicos são eminentemente propícios para assinalar as lacunas e as imperfeições da biologia, de tal forma que as concepções que não comportam alguma aplicação médica são, em si mesmas, ociosas ou viciosas. Uma apreciação plenamente positiva tende a simpatizar com os práticos que desdenham de uma cultura biológica muito frequentemente incompatível com a visão sintética do organismo.

De acordo com tal consideração, você pode dignamente realizar, em Marselha, seu principal curso de estudos médicos, utilizando as vantagens de um meio mais abundante em doentes que em médicos; sem lamentar os recursos, mais aparentes que reais, que são próprios a Paris. O mesmo motivo deve, em seguida, convencer-lhe a passar um ano na escola de Montpellier, cujo espírito mais ontológico é compensado por um caráter mais sintético, e que fará com que sinta melhor a medicina hipocrática. Mas será necessário vir passar seu último ano em Paris, sobretudo para que seu doutorado emane da casa mais respeitada.

Quanto à sua grande questão sobre a classificação das doenças vegetativas, você judiciosamente pressentiu sua precocidade. Apesar disso, eu posso, em atenção a você, esboçar uma doutrina que não me ocupará diretamente senão daqui a três anos.

---

<sup>4</sup> Ou 18 de novembro de 1854.

Por conta de uma contradição decisiva, a linguagem indica por todos os lados a irracionalidade das concepções patológicas. Ainda que a doença seja universalmente definida por contraste à saúde, a primeira palavra se torna ordinariamente plural, enquanto a segunda permanece sempre no singular. Isso significa que as pretensas doenças classicamente distintas se reduzem essencialmente a simples sintomas. No fundo não pode existir senão apenas uma doença, que consiste em não estar bem. Ora, como a saúde reside na unidade, a doença resulta sempre de uma alteração da unidade, por excesso ou diminuição de uma das funções em harmonia. A desordem pode se originar de fora ou de dentro, quando os limites normais de variação se encontram superados, num sentido qualquer, pela ação prolongada, seja do meio, seja do organismo. À medida que a espécie se torna mais eminente, e mais civilizada, é certamente o segundo caso que prevalece.

Assim, entre os Ocidentais atuais, os masculinos inclusive, a doença deve ser habitualmente atribuída ao centro cerebral, que domina melhor o conjunto do organismo, além disso funciona mais. Ordinariamente, as alterações que emanam do meio só adquirem gravidade após sua reação direta sobre o cérebro, pelos nervos ou pelos vasos. Mas frequentemente estamos enganados sobre a verdadeira sede da doença porque os sintomas raramente afetam as funções cerebrais, exceto nos casos de grande perigo. Eles consistem quase sempre nas alterações que o cérebro perturbado determina sobre os outros órgãos. Dessa maneira, você pode sentir o quanto a patologia permanece afastada de uma verdadeira racionalidade, posto que ela se encontra assim forçada a constituir esses diversos sintomas num mesmo número de doenças diferentes, de tal maneira que ela não pode conduzir a elaboração, em todo caso subjetiva, em direção à sede real.

Não podemos esperar tal progresso antes de termos suficientemente avançado a análise do sistema nervoso, que até aqui foi apenas grosseiramente esboçada, segundo a distinção, confusa na maioria das vezes, entre os três tipos de nervos, sensitivos, motores e nutritivos. Sobretudo os primeiros têm necessidade de uma separação racional em relação aos nervos respectivos da musculação, da calorificação e da eletrificação, vagamente fundidos até o momento naqueles do tato. Suas observações clínicas poderão nesse sentido fornecer úteis informações sobre uma distinção tão delicada quanto importante, sem a qual as concepções patológicas jamais comportam precisão suficiente.

Tal preâmbulo é aqui destinado principalmente a impedir-lhe de exagerar, seguindo a tendência atual, a importância da classificação prematura que você me solicita. Já que as doenças não passam de sintomas, é preciso seguir a ordem essencial das funções correspondentes. Tal é o princípio de classificação indicado em meu volume final, segundo a distinção dos três modos da existência humana, vegetativo, animal e cerebral. Bastará que prolongue essa regra, desenvolvendo as funções correspondentes, para obter uma classificação racional das doenças vegetativas, quer dizer, dos sintomas da perturbação cerebral, segundo a vida de nutrição. Essa existência se compõe da absorção e da exalação, sendo que uma consiste em elaboração seguida de assimilação, e a outra em depuração seguida de excreção. Portanto seu conjunto tem por centro a circulação, igualmente necessária a essas quatro funções gerais. Aplique a cada um desses grupos de atos e de agentes orgânicos variações por excesso ou diminuição, para além dos limites normais (que ainda são mal conhecidos), e obterá a classificação solicitada, os sintomas vegetativos da alteração cerebral da unidade, nos homens e nos animais superiores, mas sem jamais negligenciar a influência contínua do meio.



## 2ª CARTA

Paris, segunda, 9 de Bichat de 66<sup>5</sup>

Meu caro discípulo,

Sua carta de quarta-feira, que eu recebi ontem, confirma especialmente sua disposição habitual em usar dignamente meus conselhos patológicos. É por isso que eu devo hoje completar os conselhos de minha última resposta por meio do acréscimo de algumas outras respostas sobre a teoria sistemática das doenças.

O princípio que estabeleci permite conceber a classificação racional das doenças segundo suas fontes essenciais, porque todas residem no cérebro. Pois essa classificação deve a partir de agora resultar do quadro cerebral. Como a região afetiva domina no estado normal, ele deve sobretudo prevalecer em relação às suas perturbações, ainda mais que seu exercício é contínuo. Quanto às duas outras regiões cerebrais, elas só podem exercer influência sobre as subdivisões, além da sua participação nos sintomas, quando a perturbação atinge seu máximo. É preciso então relacionar as doenças ao sentimento do qual a inteligência e a atividade não passam de ministros generosos, mas desprovidos de relações diretas com a vida vegetativa.

Somos assim conduzidos a distinguir as doenças primeiro em egoístas e altruístas, como os motores afetivos. Tanto umas como as outras podem ocorrer por excesso ou diminuição, o primeiro caso pertencendo sobretudo às egoístas, o segundo às altruístas. Um esforço insuficiente de altruísmo constitui a fonte secreta de uma multidão de perturbações radicalmente desconhecidas. Tais são sobretudo as epidemias que sucedem às comoções políticas, como as afecções coléricas ocorridas nesse século, após a agitação antibourboniana de 1830, a crise republicana de 1848 e finalmente a crise ditatorial. A fonte necessariamente cerebral de toda doença grave se torna especialmente irrecusável a propósito dessas vastas perturbações, que o empirismo materialista proclama ininteligíveis.

Dessa classificação geral, podemos, segundo o mesmo princípio, proceder sucessivamente às distinções particulares, seguindo a ordem normal dos instintos, pessoais ou simpáticos, cuja intensidade mede a intensidade das perturbações. Dessa maneira você poderá desenvolver simultaneamente os dois modos essenciais, um racional e outro empírico, que comporta a classificação das doenças, comparando sejam suas fontes, sejam seus sintomas. Essa síntese patológica conduz na prática a consequências gerais que ligam a medicina diretamente à moral. De fato, como as doenças resultam de uma alteração da unidade, enquanto a unidade repousa essencialmente sobre a simpatia, é rigorosamente demonstrado que o melhor meio de se sentir bem consiste em desenvolver a benevolência. Entre aqueles que vivem para os outros, a alegria, a segurança proporcionada pelo hábito de viver às vistas de todos, garante tanto sua saúde quanto sua felicidade; por contraste à bela observação de Hufeland sobre a frágil longevidade dos atores, e geralmente de qualquer um frequentemente forçado a dissimular.

---

<sup>5</sup> Ou 11 de dezembro de 1854

Estendendo o princípio patológico para fora de nossa espécie, ele permite explicar a menor diversidade, assim como a menor gravidade das doenças entre os animais, mesmo os mais próximos de nós. Pois, privados do movimento social, seus cérebros funcionam bem menos, e assim reagem menos sobre as vísceras nutritivas.

Tais são as sumárias indicações que eu deveria acrescentar aqui às minhas observações anteriores, a respeito de uma doutrina capital que não me ocupará diretamente senão daqui a três anos, e para a qual, no entanto, eu não lamento os esforços que seu pedido já me suscitou [...].

3ª CARTA

Paris, quinta-feira, 19 de Bichat de 66<sup>6</sup>

Meu caro discípulo,

Sua excelente carta de domingo, recebida somente ontem à noite, merece que minha resposta seja destinada sobretudo a desejar felicitações por ter utilizado tão dignamente meus comunicados recentes. Essas felicitações devem alcançar tanto seu coração quanto seu espírito. De fato, sua eminente aptidão mental não obtém tal eficácia senão após uma efetiva veneração, que torna tão fácil e tão frutífera minha ação sobre você. Posso assim verificar o quanto a síntese depende da simpatia. O positivismo terá então produzido o pleno voo de uma inteligência que, nascida para as grandes coisas, encontrava-se anteriormente embaraçado pelo vazio e pela incerteza. Se a nobre, porém difícil resolução que você tomou espontaneamente se executa com a energia, a perseverança e a prudência que eu espero, você fornecerá o primeiro tipo de um médico suficientemente renovado para se transformar em digno padre da Humanidade<sup>7</sup>.

Devo também aproveitar essa ocasião para resumir o conjunto das minhas últimas cartas, concluindo com a introdução sistemática do ponto de vista social, tanto dinâmico quanto estático, em todas as concepções médicas, que não poderiam de outra forma se tornar suficientemente reais e racionais.

O pensamento biológico não pode permanecer binário senão em relação aos animais, para os quais basta comparar o organismo e o meio. Em nossa espécie, não devemos empregar esse dualismo sem decompor o primeiro elemento em individual e coletivo; o que transforma em ternárias as concepções fundamentais. Para que os médicos parem de se degenerar em veterinários:

*“Entre o homem e o mundo, faz-se necessária a Humanidade”*

<sup>6</sup> Ou 21 de dezembro de 1854

<sup>7</sup> Cf. Comte 1978, 144-145: “Esta apreciação final condensa o conjunto das concepções positivas na noção única de um ente imenso e eterno, a Humanidade, cujos destinos sociológicos se desenvolvem sempre sob o predomínio necessário das fatalidades biológicas e cosmológicas. Em torno deste verdadeiro Grande Ser, motor imediato de cada existência individual ou coletiva, nossos afetos se concentram tão espontaneamente quanto nossos pensamentos e ações. A ideia só desse Ser supremo inspira diretamente a fórmula sagrada do positivismo: *O Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim.*”



Sem esse mediador, não podemos bem representar a ação recíproca dos dois elementos do grande dualismo. Pois é sobretudo através da Humanidade que o mundo domina o homem e o homem modifica o mundo. Ainda que a ordem universal afete diretamente cada um de nós, sua influência real sobre o indivíduo permanece principalmente indireta, segundo o peso total da economia exterior sobre o conjunto de nossos predecessores e de nossos contemporâneos. Em comparação com tal resultado, o próprio comportamento de cada um se torna gradativamente mínimo. Além disso, a Humanidade protege o homem contra o mundo, ao mesmo tempo que transmite a ele sua principal ação.

É preciso doravante afastar a consideração do homem isolado, como uma abstração tão viciosa em medicina quanto em política. Ao constituir o dualismo médico segundo a reação mútua entre o corpo e o cérebro, a existência corpórea permanece necessariamente submissa a duas influências contínuas, uma exterior, outra interior. A primeira lhe transmite a ação do meio material, único considerado até o momento, e a segunda a ação do meio social, que tende gradativamente a prevalecer.

Ontem, após ter-me ouvido ler em nossas conferências a sua carta de domingo, acompanhada das reflexões que ela me suscita, o excelente doutor Carré, que ficou impressionado pelas minhas comunicações precedentes sobre a teoria sintética das doenças, me fez especialmente notar a tendência característica em direção a tal filosofia na escola própria a Montpellier, pelo menos antes de sua alteração atual, e tal como a resume o principal tratado de Barthez. Essa afinidade espontânea constitui a compensação natural dos inconvenientes de uma doutrina ontológica que no entanto se dispõe à síntese e se afasta do materialismo tão funesto na escola de Paris, mesmo entre Cabanis e Broussais. Mas tal tendência só poderia se tornar decisiva após duas grandes condições sucessivamente preenchidas por Gall e por mim. Primeiro, era preciso que Gall tivesse localizado no cérebro todas as funções afetivas, eliminando suas sedes vegetativas, de modo a constituir o aparelho pelo qual os mortos governam os vivos. Em segundo lugar, a existência e sobretudo a evolução da sociedade deveriam ser reconduzidas às leis positivas, pela minha fundação da sociologia, sem a qual os vislumbres espontâneos dos espiritualistas de Montpellier não poderiam adquirir uma verdadeira consistência, nem comportar uma eficácia decisiva.

Segundo a lei da interposição, o ponto de vista biológico, enquanto intermediário entre o cosmológico e o sociológico, não pode ser sistematizado sem uma instituição suficiente, não apenas da cosmologia, mas também da sociologia. É assim que a ciência e a arte tendem a finalmente se fundir na moral, que, teórica, estabelece o conhecimento, e prática, o governo da natureza humana, único objeto definitivo de nossas sãs especulações.

4ª CARTA

Paris, sexta-feira, 12 de Moisés de 67<sup>8</sup>

Meu caro discípulo,

[...] A teoria sintética das doenças se encontra assim resumida pela definição sociológica do cérebro como aparelho da ação dos mortos sobre os vivos. Podemos a partir de então compreender o quanto a anarquia ocidental constitui uma verdadeira doença, pois ela consiste sobretudo em uma insurreição contínua dos vivos contra os mortos, o que tende diretamente a produzir uma perturbação crônica da economia cerebral. Mas você pode melhor ligar a medicina à moral formulando dessa maneira a definição subjetiva do cérebro: *A dupla placenta permanente entre o homem e a Humanidade*.

É importante dizer dupla, a fim de sempre distinguir as duas ordens simultâneas de relações subjetivas, por um lado em direção ao passado, por outro em direção ao futuro. Isso permite melhor destacar a gravidade da doença ocidental, que tende a romper a placenta nos dois sentidos. [...]

5ª CARTA

Paris, domingo, 21 de Gutenberg de 67<sup>9</sup>

Meu caro discípulo,

[...] Eu li, conforme prometido, a tese do Sr. Foley<sup>10</sup>. Apesar de suas graves imperfeições de forma e de fundo, eu a vejo como um começo eminente, que confirma minhas esperanças sobre o futuro próximo desse digno médico, que eu creio ser perfeitamente suscetível de se tornar um verdadeiro padre da Humanidade, tanto de coração, quanto de espírito e caráter.

As sérias e profundas reflexões que esse trabalho suscitou em você me conduzem a felicitá-lo novamente pela memorável adoção de uma nobre carreira, onde você deverá em breve obter sucessos decisivos, diretamente próprios a auxiliar o advento do positivismo, seja confirmando a doutrina regeneradora, seja a recomendando aos seus apóstolos, mesmo antes de você ter merecido a incorporação completa ao sacerdócio universal. Eu sinto o quanto está madura a aplicação da síntese positiva à medicina, vendo a fecunda eficácia que você já sabe tirar das observações informalmente esboçadas a esse propósito por algumas das minhas cartas, e que só serão especialmente elaboradas no meu tratado da natureza humana, formando a primeira parte de meu *Sistema de moral*, que será publicado apenas em 1859.

---

<sup>8</sup> Ou 12 de janeiro de 1855

<sup>9</sup> Ou 2 de setembro de 1855

<sup>10</sup> Trata-se da tese *Étude à propos du choléra-morbus*, defendida por Antoine-Édouard Foley, em 28 de agosto de 1855, junto à Faculdade de Medicina de Paris.

Para tornar mais precisas as vossas meditações sobre o revestimento mucodérmico, sede essencial da reação contínua entre o corpo e o meio, convido-o a considerar particularmente os gânglios sensitivos, e sobretudo aquele do tato, a partir do qual a vida orgânica afeta diretamente a vida cerebral, e em seguida a unidade vital. Ainda que sua influência seja frequentemente confundida com aquela dos gânglios da calorificação e da eletrificação, a exploração das doenças permite distingui-la, e conduz a enxergá-la como a principal fonte das perturbações mentais, devidas ao estado da mucoderme sob a impulsão exterior. O corpo modifica o cérebro por meio desses três gânglios, como o cérebro modifica o corpo pelos nervos que emanam de seu órgão nutritivo. Mas, para conceber essas relações gerais, é preciso se afastar da rotina atual, cuja conservação constitui a principal fonte de confusão na tese nobremente excepcional do Sr. Foley, que, sendo tarde demais advertido por mim, persistiu na reunião do aparelho cerebral ao conjunto dos nervos, sendo que não lhe pertence mais do que aos músculos. De fato, apenas existem três classes de nervos, nutritivos, sensitivos e motores, que constituem, se preferir, o mesmo número de sistemas, respectivamente subordinados às três regiões do cérebro, o qual não forma nem o fim nem a origem de nervos quaisquer, mas um aparelho distinto e superior, cujos nervos interiores se reduzem, sem um revestimento fibroso, aos feixes passivos por meio dos quais suas diferentes partes se comunicam entre si.

Você está absolutamente correto ao não separar a patologia da terapêutica, à qual todas as concepções devem visar diretamente. No fundo, a medicina sempre permaneceu, como a moral, rebelde a toda vã separação entre a teoria e a prática, cujos domínios se confundem com tudo aquilo que concerne imediatamente ao homem propriamente dito, dada a coincidência entre o objeto e o sujeito, de onde resulta que a abstração se encontra reduzida tanto quanto possível. Ela se limita àquilo que exige a generalidade dos preceitos, sempre destinados ao homem em geral, sem levar em conta as diversidades individuais, que devem finalmente prevalecer na aplicação, que não poderia, assim, jamais comportar uma racionalidade completa. Quando a medicina retornar à moral, da qual ela é normalmente inseparável, seu caráter sintético comum se tornará plenamente irresistível, e tornará sensível o modo como a Humanidade constitui o intermediário necessário entre o homem e o mundo, ou o meio. Se decomposmos o Grande Ser, como vai indicar meu opúsculo, em sua trindade cronológica, em três coletivos (Prioridade, Público e Posteridade), vê-se que os dois extremos se ligam diretamente ao homem pela placenta cerebral, enquanto o do centro pertence de fato ao meio [*milieu*], que é preciso ordinariamente considerar como social tanto quanto vital e material, posto que essas três influências são frequentemente análogas ou conexas, tanto em medicina quanto em moral.

Quando você ler, dentro de alguns dias, meu *Appel aux conservateurs*, poderá facilmente aplicá-lo ao destino positivista dos médicos, mesmo no interior. Ele sistematiza a política atual indicando a maneira pela qual os conservadores devem utilizar ao mesmo tempo os retrógrados e os revolucionários, sempre os dominando. Ora, essa atitude será em pouco tempo a do digno médico, sobretudo o médico rural, entre o cura católico e o mestre cético, que ele deve manter em posição subalterna, mas paternalmente, utilizando suas influências respectivas, adotando uma conduta tão simpática quanto sintética, como conselheiro natural do prefeito.

Nas cidades, e principalmente em Paris, os médicos assumem um caráter análogo em relação aos impulsos teológicos e científicos ou metafísicos, que eles devem igualmente dominar através do uso. Mas, se os conservadores em geral devem preferir os retrógrados aos revolucionários, da mesma forma os médicos se inclinam mais em direção aos padres que aos acadêmicos, que, durante os dois últimos séculos, tomaram dos médicos sua presidência teórica.

Dadas essas afinidades já surgidas entre os médicos e os positivistas, levando-me a considerar a formação do sacerdócio como algo que deve começar mais cedo do que eu esperava, recentemente me vi conduzido a precisar as condições diretas da incorporação sacerdotal. Eu não falo das condições morais, embora elas devam sempre prevalecer, posto que elas não comportam fórmulas gerais, mas apenas uma apreciação individual, pelo Grande Padre da Humanidade, segundo informações dignas de confiança. Supondo preenchidas essas condições, encerrei recentemente as verificações enciclopédicas, únicas suscetíveis de serem formuladas, e das quais vos indicarei o conjunto, como fiz com o Sr. Laffitte<sup>11</sup>, posto que você, assim como ele, é um daqueles aos quais esse conjunto será primeiro aplicável.

Ele consiste sobretudo em sete teses sucessivas, com intervalos de pelo menos um mês e de no máximo três, respectivamente relativas às sete ciências fundamentais, matemáticas, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. A escolha das questões é inteiramente realizada sob a responsabilidade do postulante, a quem, no entanto, eu convidarei a torná-las tão conexas quanto possível, mas sem fazer dessa convergência, frequentemente muito difícil de realizar, uma condição indispensável. Para constatar a originalidade das teses, e medir a aptidão para a exposição oral, cada uma delas, uma vez admitida, será seguida, após sete dias, de um exame público sobre a ciência correspondente [...].

6ª CARTA

Paris, domingo, 14 de Shakespeare de 67<sup>12</sup>

Meu caro discípulo,

[...] Sua nova questão sobre a inervação não me parece colocada de modo claro o suficiente para que eu possa fazer nesse momento uma resposta específica. Convido-o apenas a se esforçar diretamente para conceber o dualismo geral entre o corpo e o cérebro. Para isso você deve enxergar o corpo como composto de três partes, uma vegetativa, as vísceras, duas outras animais, ativa e passiva, os músculos (inclusive os ossos) e os sentidos. Esses três sistemas corporais são respectivamente subordinados às três regiões cerebrais. A ligação se estabelece pelos três aparelhos nervosos, nutritivo, motor e sensitivo, dos quais a medula espinhal e o grande simpático constituem apenas os meios de aperfeiçoamento e de conectividade

<sup>11</sup> Pierre Laffitte (1823-1903), um dos principais discípulos de Auguste Comte, foi o primeiro titular da cadeira de História das Ciências no *Collège de France*, criada em 1892.

<sup>12</sup> Ou 23 de setembro de 1855.

7ª CARTA

Paris, terça-feira, 23 de Bichat de 67<sup>13</sup>

Meu caro discípulo,

A ocupação excepcional, indicada em minha última carta, está, enfim, terminada. Enviei ontem ao Sr. Laffitte a duplicata do meu Testamento. Dadas as interrupções espontâneas às quais eu dei livre desenrolar, essa operação, inclusive as transcrições, me ocuparam durante um mês inteiro. Após tê-la concluído, sinto melhor sua capacidade de fornecer a melhor preparação do meu cérebro para a grande obra cujo primeiro volume eu começarei a escrever no 1º de janeiro. Além disso, seu desenvolvimento me permitiu a verificação especial de minha concepção geral sobre a fonte essencialmente cerebral da doença, ao menos no homem, sobretudo o civilizado. Pois ela suscitou, como todos os preâmbulos de meus grandes trabalhos, uma crise física, principalmente relativa ao aparelho digestivo, cuja supraexcitação me obrigou a me abster de jantar durante treze dias. De vegetativa, a reação cerebral é hoje tornada animal, e consiste em uma agitação convulsiva que, logo dissipada, vai me reconduzir a um estado plenamente normal, exceto pela estimulação duradoura da região especulativa, sucedendo à da região ativa, segundo uma influência primitivamente afetiva; o que representa para mim, em menor proporção, a marcha essencial de nossas perturbações; de modo que, como médico, você poderá utilizar o incidente que eu gostaria de descrever para você a esse propósito. [...]

8ª CARTA

Paris, sexta-feira, 5 de Carlos Magno de 68<sup>14</sup>

[...] Suas reflexões sobre a morte só me parecem desculpáveis na sequência da melancolia opressiva momentaneamente resultante de vosso isolamento. Os precursores do positivismo no século passado já sentiam o vício das disposições teológicas e metafísicas a esse respeito. No melhor pensador de quem vossa Provence pode se orgulhar<sup>15</sup>, você encontrará essa judiciosa reflexão: “O pensamento dos mortos nos faz esquecer de viver”, que constitui espontaneamente o prelúdio normal de sua bela máxima: “Para fazer grandes coisas, é preciso viver como se nunca devêssemos morrer”. Tudo isso parecerá a você mais digno e mais verdadeiro que as sentenças de Montaigne nas quais ele se mostra, a esse respeito, tão falho quanto os cristãos. Mas eu gosto de acreditar que talvez você só tenha pecado por uma insuficiência de redação, querendo fazer alusão à teoria positivista da imortalidade subjetiva.

<sup>13</sup> Ou 25 de dezembro de 1855.

<sup>14</sup> Ou 22 de junho de 1856.

<sup>15</sup> Luc de Clapiers, Marquês de Vauvenargues.

Quanto às vossas conjecturas sobre a longevidade, devo apenas encorajá-lo a torná-las mais firmes e amplas sistematizando-as ainda mais. Nós estamos, em todo caso, apenas no começo do aperfeiçoamento, mesmo em relação à nossa situação e sobretudo por nossa natureza. A longevidade, que suscitou tantas esperanças vagas em Bacon e Descartes, deve nos fornecer um amplo domínio de concepções e de melhorias. Meu pai espiritual<sup>16</sup> chegou ao ponto de sonhar com a extensão indefinida. Ainda que a filosofia positiva afaste tais quimeras, ela confirma a esperança contínua de um sucesso notável e crescente, de acordo com o progresso do regime humano, completado pela hereditariedade. Isso me conduz a terminar minha resposta indicando, a esse respeito, uma concepção geral, que normalmente encontrará seu lugar em 1858, no tratado da natureza humana, onde deverá consistir a primeira metade de minha *Moral positiva*. É preciso enxergar como a principal imperfeição de nosso organismo individual a insuficiente harmonia entre o corpo e o cérebro. O cérebro poderia, eu creio, usar dois corpos, e talvez três, se a sucessão fosse possível, de tal maneira sua constituição é mais estável. Na maioria dos casos normais, a estátua só tomba porque o pedestal está podre. Essa discordância não convém apenas às mortes precoces: ela frequentemente existe entre os dignos velhos. Após um século de duração, o cérebro de Fontenelle só parou de funcionar por falta de base vegetativa. Você pode, portanto, sentir qual alcance comporta nossos meios de aumentar a longevidade, quando eles serão sistematicamente dirigidos em direção à instituição de uma melhor harmonia entre o corpo e o cérebro, pelo desenvolvimento das reações, mal esboçadas até o momento, do moral sobre o físico.

Fixando em aproximadamente dois séculos o máximo de duração compatível com a constituição humana, Hufeland estava inspirado apenas por observações puramente empíricas sobre os melhores casos de longevidade constatada. Mas, se ele tivesse sido guiado pela concepção precedente, ele teria podido fazer com que sua apreciação fosse mais bem acolhida, levantando a questão da longevidade sistematizada, como consistindo em fazer durar o corpo tanto quanto o cérebro pudesse naturalmente viver. Assim concebida, a utopia parece finalmente realizável, e até se poderia razoavelmente esperar aumentar também a intrínseca longevidade do cérebro.

AUGUSTE COMTE

---

<sup>16</sup> Comte se refere a Condorcet.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tiago Santos. “Canguilhem e o pensamento médico”, In: MOTA, André e MARQUES, Maria C. da C. [orgs.]. *História, Saúde Coletiva e Medicina: questões teórico-metodológicas*. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 217-249.
- AUDIFFRENT, Georges. *Appel aux médecins*. Paris: Dunod, 1862. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k772657>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- BRAUNSTEIN, Jean-François. *La philosophie de la médecine d'Auguste Comte. Vierge Mère, vaches folles et morts vivants*. Paris: PUF, 2009.
- CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris: PUF, 2006.
- COMTE, Auguste. *Appel aux conservateurs*. Paris: Victor Dalmont, 1855. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k833125>. Acesso em: 5 jul. 2021.
- COMTE, Auguste. *Catecismo Positivista. "Primeira Conferência: Teoria geral da religião"*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 – (Coleção “Os Pensadores”).
- DANTES, Maria Amélia M. “Le positivisme et la science au Brésil”. In: PETITJEAN, Patrick, JAMI, Catherine e MOULIN, Ane Marie. *Science and empires. Historical studies about scientific development and european expansion*. Boston studies in the philosophy of science, 1992, vol. 136, p. 165-173.

*Cartas de Auguste Comte ao Doutor Audiffrent sobre a doença*  
Tradução recebida em 13/09/2021 • Aceita em 20/11/2021  
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado